

A escola e seus fluxos: cartografias da pesquisa

Fábio Dal Molin, psicólogo, mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS) Doutor em Sociologia (UFRGS) professor da URI Campus Erechim, Pesquisador CNPq Pós-doutorado Jr Vinculado ao Laboratório de Estudos em Interação, Linguagem e Cognição (LELIC-UFRGS). Endereço eletrônico: dalmolinorama@gmail.com

1. Introdução

Este trabalho se apresenta como experimento e experimentação em um caminho múltiplo de pesquisa nas redes sociais transversais educativas, no imbricamento de camadas, platôs, fluxos e contra fluxos da educação na cidade contemporânea. Em um projeto de intervenção e pesquisa cartográfica (DELEUZE & GUATTARI, 1995) no espaço escolar cujos princípios teóricos, metodológicos e epistemológicos constituem um sistema aberto à incerteza e à multiplicidade, tornamo-nos suscetíveis às intempéries institucionais que transversalizaram o rizoma social, político, desejante. O disparador desta cartografia foi a tentativa de implementação de um projeto em uma escola em Porto Alegre, que aconteceria em duas etapas: um estudo exploratório e etnográfico e a execução do projeto a partir da consolidação de um convênio com a prefeitura. Tais etapas foram rasgadas, costuradas e desdobradas, e do plano de imanência brotou a cartografia.

Foi realizada uma imersão no cotidiano escolar inicialmente não estruturada, no simulacro de uma etnografia, com o objetivo inicial de mapear redes sociais em uma escola e “preparar o terreno” para implementação do projeto CIVITAS, o pesquisador-cartógrafo, alterou também as suas relações com a urbanização, expressando territorialidades e fluxos na tempestade de ideias do processo criativo. Porém, por acidentes geográficos transversalizados por tempestades macro e micropolíticas, ou sobre a cartografia dobrou sobre si mesma, e forçou o pensamento em direção a experimentação e a invenção de outro universo de pesquisa.

Cartografar remonta a uma tempestade... Tempestade de escolher rotas a ser criado, constituir uma geografia de endereços, de registros de navegação, buscar passagens... Dentro do oceano da produção de conhecimento, cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações. (KIRST; *et ali*, 2003, p.91)

Tal como a proposta de Deleuze e Guattari (1995) seguindo o rizoma por ruptura, nossa cartografia teve múltiplos pontos de entrada e de saída. Entender estas entradas e saídas, o uso de universos de referência literários, teóricos e metodológicos heterogêneos, e não-lineares, como intercessores para produção de um agenciamento precário de pesquisa. Não poderíamos ter feito de outra maneira. Nossa produção é oriunda de um percurso cheio de percalços, habitando a macropolítica e a micropolítica. Não escrevemos “sobre” os conceitos de Deleuze e Guattari, mas escrevemos “com” eles, produzindo rupturas e bifurcações. O leitor talvez sinta um leve desconforto e uma sensação de abandono, mas isso faz parte das sensações de estar perdido em um bairro,

uma escola, uma política pública. Esta sensação é compensada pelo vento da liberdade batendo no rosto.

1.1 Projeto Civitas

O CIVITAS acontece em quatro cidades do interior do RS e envolve a formação docente em serviço com professores de escolas públicas, a partir do trabalho desenvolvido destas com os alunos na construção de cidade. O projeto, criado pelos pesquisadores Margarete Axt e Márcio Martins, entre outros, hoje conta com mais de 20 pesquisadores nos municípios de Sobradinho, Mato Leitão, Venâncio Aires e Cruzeiro do Sul. O CIVITAS, nestes anos, além das experimentações em sala de aula, gerou artigos escritos pelos professores de escolas, pesquisadores, teses de doutorado, dissertações de mestrado, produções audiovisuais e agrega cada vez mais pesquisadores, municípios e escolas (AXT *et ali*, 2004, MARTINS, 2009, KREUTZ, 2009). No ano de 2009 o CIVITAS iniciou um acoplamento com Moçambique, a partir de um edital do CNPq. Ao longo do ano de 2007, o LELIC (Laboratório de Estudos em Linguagem Interação e Cognição) iniciou tratativas com a prefeitura de Porto Alegre para dar início ao projeto CIVITAS (Cidades Virtuais e Tecnologias de Aprendizagem) na capital gaúcha, em uma escola municipal localizada em uma das zonas mais estigmatizadas pela violência urbana: a Vila Pinto no Bairro Bom Jesus. O título do projeto enviado ao CNPq era “Civitas em rede: mapeamento e construção de redes sociais em uma escola”.

1.2 Projeto Civitas em rede: os fluxos molares e moleculares

A pesquisa geradora deste texto ganhou verba do CNPq na forma de uma bolsa de pós-doutorado Jr, e o pesquisador-cartógrafo-escritor contemplado pela bolsa tinha como atribuições mapear redes sociais, conhecer a comunidade, a escola e auxiliar nas negociações para efetivação do convênio do LELIC com a Prefeitura de Porto Alegre. O projeto foi examinado e a bolsa foi concedida pela agência enquanto o convênio estava em processo de negociação. Pelos contatos amistosos com a direção e docentes da escola (uma das quais, participante o LELIC) foi disparada, em caráter extra-oficial (precário, micropolítico, molecular) uma intensa exploração no ambiente escolar, levantamento fotográfico explorações de campo e escrita de diários¹. O pesquisador-cartógrafo passou a frequentar a escola três ou quatro vezes por semana, em dois turnos, a fotografar e a escrever o diário.

Após quase um semestre de experimentações no ambiente da Escola e do Bairro, a Secretaria Municipal de Educação anunciou a impossibilidade do convênio, por diversas questões orçamentárias, políticas e organizacionais. Como, pois, cumprir o cronograma de um projeto, que foi enviado ao CNPq com a quase total certeza de sua aprovação na prefeitura? E o projeto inicial contemplava duas fases: a exploração etnográfica e a implementação e acompanhamento do Civitas... A resposta está na expressão “transformar o limão azedo em limonada doce”, ou seja, tornar líquido aquilo que era sólido e se quebrou, produzir bifurcações, porosidades, linhas de fuga. A

¹ Mais detalhes sobre a etapa inicial e o projeto que dispararam esta cartografia foram publicados em DAL MOLIN, F. **Civitas em rede: mapeamento e construção de redes sociais urbanas em escolas** In: SImpósio Nacional de Educação, 2008, Erechim.

pesquisa dissolveu-se em si mesma, seus esquadrinhamentos, seu próprio pesquisador-cartógrafo veio a questionar-se qual seria o objetivo daquilo tudo, daquele imenso tabuleiro de xadrez no qual era uma peça sacrificável.

A dobra molar-molecular, macropolítica e micropolítica gerou no suposto fracasso do projeto, pensamentos vibráteis em uma pesquisa despojada das segmentaridades duras. O pesquisador não sabia onde ia nem exatamente o que fazia. A Escola, a cidade, o bairro, a educação estavam ali em um plano de imanência, pré-filosófico, prenhe de consistência. Disso o pensamento se irrompeu e conectou-se a universos de referência, músicas, filmes. As linhas molares de projeto-pesquisa- interpretação se dissolveram e se dobraram nas molecularidades das sensações, na mistura do pesquisador-cartógrafo na escola, no seu devir-professor-aluno, no seu não - fazer, no buraco negro.

Mas também entre os dois pólos há todo um domínio de negociação, de tradução, de transdução molecular, onde ora as linhas molares já estão trabalhadas por fissuras e fendas, ora as linhas de fuga já atraídas em direção a buracos negros, as conexões de fluxos já substituídas por conjunções limitativas, as emissões de quanta convertidas em pontos-centro. E é tudo ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo as linhas de fuga conectam e continuam suas intensidades, fazem jorrar signos-partículas fora dos buracos negros; mas elas se aplicam sobre buracos negros, onde rodopiam sobre conjunções moleculares que as interrompem; e ainda entram em segmentos estáveis, binarizados, concentrizados, voltados para um buraco negro central, sobrecodificados. (DELEUZE&GUATTARI, 1996, p.105)

Neste mesmo texto, Deleuze e Guattari colocam que as instituições que adquirem massa molar muito elevada tendem a produzir em contrapartida uma complexidade maior de molecularidades ou micropolíticas. A molaridade do CNPq se atravessou ao desejo da prefeitura de não acolher o projeto e acabou produzindo a linha de fuga, pois também não era possível abrir mão do financiamento, e nem o queríamos. A molaridade da Secretaria da Educação e as molecularidades da escola tornaram possíveis alguns meses de cartografia, que apresentamos aqui em uma proposta de ciência itinerante “Seria preciso opor dois tipos de ciências, ou de procedimentos científicos: um que consiste em reproduzir, o outro que consiste em seguir. Um seria de reprodução, de iteração e reiteração; o outro, de iteração, seria o conjunto das ciências itinerantes, ambulantes” (DELEUZE&GUATTARI, 1997, p.39). Antes de resultados ou dados, apresentamos itinerários, linhas, composições, ambulâncias e perambulâncias...

2. Estratégias de pesquisa, metodologia ou arranjos da produção de conhecimento

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos. (CALVINO, 1994, p. 28)

2.1 Diário de campo

O diário de campo do cartógrafo não tem como objetivo a informação ou a descrição, pois esta dá conta de uma representação da realidade que pode ser transmitida, ou o dado a ser interpretado. Nas circunstâncias itinerantes da cartografia, a narrativa do cartógrafo está implicada pelos seus afectos e perceptos, memórias de fluxos, rupturas a - significantes. Narrar a experiência de habitar o espaço escolar é dobrar o pensamento sobre si mesmo, deixar-se afetar pela realidade, mas também rompê-la, quebrá-la aos pedaços, bifurcá-la. Esta ruptura implicativa diz respeito ao molecular e ao molar. O molar é o arborescente: a Escola, a Educação, as Leis, o Estado, a pesquisa enquanto representação, porém o gigantismo de tais forças instituídas é composto e compõe-se de forças subversivas, moleculares, segmentaridades flexíveis. O cartógrafo persegue as rupturas, busca a invisibilidade.

Por outro lado, no outro pólo, há uma máquina abstrata de mutação que opera por descodificação e desterritorialização. E ela que traça as linhas de fuga: pilota os fluxos de quanta, assegura a criação-conexão dos fluxos, emite novos quanta. Ela própria está em estado de fuga e erige máquinas de guerra sobre suas linhas. Se a máquina abstrata de mutação constitui outro pólo, é porque os segmentos duros ou molares não param de vedar, de obstruir, de barrar as linhas de fuga, enquanto ela não pára de fazê-las escoar "entre" os segmentos duros e numa outra direção, submolecular (DELEUZE&GUATTARI, 1996, p.104)

Na linha molar e arborescente, nossa pesquisa fracassou, não foi possível institucionalizar nem executar um convênio nem um projeto. Mas em um “espaço entre”, que, em uma fita de Moebius - uma figura topológica que não possui dentro nem fora - entramos no rizoma escolar, visíveis e invisíveis, inconstantes e precários, e produzimos narrativas que não dão conta da Escola como um todo, mas propõem inquietações, dobraduras, platôs. O pesquisador habitou espaços da escola, perdeu-se no bairro, tirou fotos, colheu narrativas e eventos singulares produziu texto escrito e hipermídia (DAL MOLIN, 2009). A máquina-fluxo escolar explodiu e reverberou.

2.3 Cartografias do invisível

Ítalo Calvino, escritor cubano naturalizado italiano, no ano de 1972 lançou um enigmático desafio a leitores e críticos: produziu uma obra chamada “As cidades invisíveis”, que seria uma coletânea de relatos entre o navegador genovês Marco Polo com o imperador tártaro Kublai Khan sobre múltiplas cidades do império chinês. Esta é, pelo menos, a chamada inicial para uma explosão intensa de experiências literárias inusitadas, pois as cidades possuem nomes de mulheres, e não são exatamente cidades chinesas, e muito menos cidades, e muito menos do império chinês, bem como Marco Pólo talvez nunca as tenha visto, ou ele mesmo seja Marco Polo e tenha mesmo existido bem como Kublai Khan não era de fato imperador tártaro, e sim mongol. As cidades invisíveis é uma espécie de coletânea de mundos possíveis e impossíveis, uma virtualização dos devires - cidade, devires - habitante das memórias sutis e difusas referentes àquilo que consideramos ou não “cidades”. Afinal, o que, para nós, não é cidade: computadores, currículos, sucata, alunos e professores, pesquisadores, automóveis, relatórios, fumaça, barulho, música, literatura, cinema... E quais cidades são visíveis ou quais são invisíveis? O que enxergamos na cidade quando passamos o dia inteiro dentro de uma sala de aula, vendo televisão, no escritório, em frente ao computador, andando apressados no centro da cidade ou passeando no parque no fim-de-semana? Podemos incluir ou excluir tais percepções daquilo que seria uma “cidade”?

Quem pode ter uma noção completa, arredondada, definitiva do que seria uma cidade se nossas percepções e memórias são parciais, difusas, redundantes, incertas? A cidade, e Calvino, neste sentido, concordam com Benjamin, é uma narrativa, como os diferentes embates entre Marco Polo e Kublai Khan, desdobrada por camadas de tempo e espaço, um platô de signos (imagem do pensamento como diz Deleuze).

Entra novamente o diálogo impossível:

Marco Polo imaginava responder (ou Kublai imaginava a sua resposta) que, quanto mais se perdia em bairros desconhecidos de cidades distantes, melhor compreendia as outras cidades que havia atravessado para chegar lá, e reconstituía as etapas das suas viagens, e aprendia a reconhecer o porto de onde havia zarpado, e os lugares familiares de sua juventude, e os arredores da casa, e uma pracinha de Veneza em que corria quando criança.

Neste ponto, Kublai Khan o interrompia ou imaginava interrompê-lo ou Marco Polo imaginava ser interrompido com uma pergunta como:

-Você avança com a cabeça voltada para trás – ou então – O que você vê está sempre às suas costas – ou melhor – A sua viagem só se dá no passado? (CALVINO, 1994, p.28)

O pesquisador-cartógrafo é um cientista, ou se imagina fazer ciência, uma ciência que é objetiva ou pensa ter algum objetivo. Certa vez o pesquisador-cartógrafo tomou o ônibus em direção a escola e desceu no ponto errado... Mas imaginava ser o ponto certo, e de fato a caminhada de mais de três horas pelo bairro que não conhecia, pelas ruas que nunca havia visitado e que não apareciam no Google Earth. Na chuva, em meio à multiplicidade de donas-de-casa, armazéns, crianças, bandos armados nas esquinas, a cartografia aconteceu e o pesquisador-cartógrafo imaginava-se perdido.

A cartografia do espaço escolar, da comunidade e do bairro atingiu dimensões infinitas, expandiu-se até uma leitura institucional do que estava acontecendo, afinal, o que significava, após mais de um ano de negociações e quase seis meses de estudos exploratórios a operação ter sido abortada?

Para nós, um novo sabor, temperado, envelhecido, curtido, daquilo que vivenciamos e refletimos. Voltamos ao passado e o reconstruímos, avançamos à medida que olhávamos para trás.

Seguimos o rizoma por conexão e heterogeneidade: “1º e 2º - Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem.” (DELEUZE & GUATTARI, 1995)

2.2 Instrumentos ou Manual do Cartógrafo

Tudo começou a mudar, como uma foto digital trabalhada, colorida e redimensionada. As etapas planejadas, instrumentos e procedimentos convertiam-se em múltiplas funções.

Nossos instrumentos de pesquisa, a caneta e o papel, o computador, a máquina fotográfica e o gravador, encontram sua potência geradora em um pesquisador ciborgue, multifacetado, transgressor dos territórios estratificados e rígidos das disciplinas. Não encontramos eco nas disciplinas convencionais, em nossos currículos somos psicólogos, sociólogos, pedagogos... Em nossas mentes somos uma mistura, um encontro alegre entre todas estas disciplinas, mas quando andamos pelas ruas, a pé ou de ônibus, observamos recreios, conversamos com professoras e alunos, escutamos histórias, tiramos fotos, entramos em sistemas relacionais e de poder, enfrentamos empecilhos políticos, institucionais... Tudo isso transborda nossa capacidade de escrita acadêmica e

teórica, empanturra nossa percepção, e nos obriga a romper com as represas do pensamento, e é por isso que no caldeirão alquímico misturamos, pedimos uma licença ética, poética, cibernética e autopoietica para lançar a uma nova cartografia no atlas rizomático da educação.

A cartografia é um instantâneo do caos lançado ao prisma violento do pensamento nômade, uma metodologia da diferença. Podemos costurá-la nos olhos do corpo do leitor, e para isso, recorreremos à prisão das palavras, das gramáticas e das normas, como precisamos de uma nave espacial para não morrer asfixiados pelo vácuo sideral. Porém, nossa nave cartográfica está perdida no espaço e no tempo.

Diários de Bordo e narrativas

Walter Benjamin trata da morte do narrador, pelo advento da narrativa secular do romance e também do texto informativo. Penso que podemos bifurcar o texto de Benjamin em duas maneiras de escrita contemporâneas que subvertem o solipsismo do autor e a monologia da informação: o diário de campo, muito usado na antropologia também nas nossas pesquisas e intervenções no Civitas A cartografia dobra escola-cidade-bairro dá conta de um fenômeno vivo, complexo, múltiplo. A pergunta é: o quanto nossos textos e nossas pesquisas acadêmicas carecem desta "vida" e deste "diálogo" narrativo?

Os diários de campo, ao longo de quatro meses de idas e vindas, foram escritos de diferentes maneiras, aproveitando fluxos de inserção na comunidade e dos próprios *insights* teóricos e críticos do pesquisador-cartógrafo.

Em algumas ocasiões, são descrições mais "objetivas" e, em outras, são quase como textos que mesclam filosofia, literatura, música. Boa parte da materialização cartográfica implica em "não fazer nada". Neste processo, a "realidade" se apresenta com a trilha sonora do MP3 player (que também é usado para gravar ambientes e guardar o próprio diário) Tal estilo de escrever atravessa de forma explícita e totalmente radical o observador dentro do observado, sabendo dos riscos, mas conscientizando o leitor dos mesmos. As análises tornam-se análises de intensidade e o método é intuitivo e em fluxos.

Escrever é forçar o pensamento, é trazer ao presente memórias passadas, e esticá-las ao futuro, no espaço e no tempo da experiência e da experimentação.

A ação do cartógrafo é intensa. Quinze minutos de observação em um dia parecem dez anos de espera, quando nada acontece, tudo é importante. Os olhares da escola, pouco acostumados a observadores, ou pelo menos a pessoas que não são professoras, mães ou alunos. Não há tarefas precisas a executar, o trabalho é simplesmente ouvir, ver, cheirar, fotografar, ligar o gravador deixar-se conduzir. Depois pegar a caneta e escrever, pensar, acoplar memórias e lógicas de pensamento àquela experiência que já se foi, mas que necessita de presentificação.

As rotinas mais banais, são realmente banais para quem as vivencia para quem dá aulas, dirige a escola, para o guarda que faz a ronda, para as árvores e automóveis no pátio. Mas o pesquisador transforma tudo isso em pesquisa, teoria, pensamento, ética, estética e política. O tempo e o espaço deste texto são curtos para dar conta da infinita experiência do tempo na cartografia. Optamos aqui por convidar ao leitor a compartilhar fragmentos do diário de campo, escritos ao sol e ao sabor do pátio escolar:

Diário de Bordo, data estelar 20/11/2007

Mas o que é o Civitas, mesmo?

Antes de sair de casa, bem cedinho, abri minha caixa postal eletrônica e lá havia uma mensagem da Magali informando o interesse de duas professoras da Escola em participar do seminário do Civitas em Sobradinho. Neste seminário, há um encontro entre os municípios onde o projeto está em andamento, e as professoras e os professores apresentam suas produções, contando com a presença das secretarias de educação e também de pesquisadores do LELIC envolvidos no projeto. Fiquei feliz com a notícia, porque minhas estratégias microbianas começavam a dar resultados. Eu digo isso porque procurei, nesta primeira etapa, “institucionalizar” o mínimo possível o projeto, deixar o fluxo rolar, não interrompê-lo, procurar a geração espontânea. Meus colegas que gerenciam o Civitas no interior possuem uma relação diferente, pelo fato de, no sentido burocrático, a burocracia dos projetos serem menos complexa, afinal, pode-se lidar diretamente com as secretarias de educação, fazendo uma ligação direta entre estas e a UFRGS, além de a circulação no ambiente escolar e também na urbanidade ser facilitado. Ali, o acompanhamento do projeto é mais intenso, as secretárias de educação visitam mais as escolas, devem conhecer os professores, afinal, o número de escolas é restrito e de alunos idem. Em cidades pequenas, a escola é uma referência da própria municipalidade, movimenta um contingente humano mais significativo para a “comunidade” como um todo...

Diário de bordo, 20/10/2007

Os sons, as cores, as imagens

O terreno da escola é muito grande. Agora escrevo em meu caderno sentado em um banco de cimento, próximo ao estacionamento e em frente às quadras de futebol. Além do muro da escola da sanga que a tangencia, o quadro que surge em meus olhos é de uma elevação repleta de casas de tijolos à vista e telhas de brasilit. A ordem geológica é a seguinte: quadra de cimento, muro de cimento em forma de grade, a sanga oculta por mamoneiras e densa vegetação. A seguir a miscelânea de casas de tijolo. Procuro casas de madeira e não encontro. A maior parte das casas é de tijolo furado. No topo da elevação está outra escola, a Fátima. O cenário é completado com uma natureza exuberante de imensas paineiras. Cinamomos, pitangueiras e outras árvores que pintam de verde as lacunas alaranjadas e avermelhadas dos tijolos. Comecei a perceber, então, os cantos dos pássaros. Da mesma maneira que as árvores espalham-se em meio ao casario (não seria o contrário?) o canto dos pássaros se reveza com ruído de automóveis e a batida longínqua do funk dos rádios. Era quase meio-dia, lembrava-me o relógio e a aparição da Magali... Conversamos mais um pouco, e já nos dirigimos à saída. Despedi-me da balbúrdia dos alunos, típica da interface entre as subjetividades pulsantes e cheias de furor vital e as máquinas civilizatórias da escola. Brigas, correrias, professoras organizando e gritando.

E é só o começo...

A posição do pesquisador-cartógrafo deste texto também é ambivalente, pensamos que a subjetividade contemporânea, de quem vive em uma cidade e está acoplado a redes e padrões de trabalho, consumo de cultura, alimentação e saúde, é da ordem uma subjetividade constituída por uma rede, e está em rede. Somos a interface entre o coletivo e o individual, entre a clausura e a abertura. Na rede em diferentes níveis de consciência, somos individuais e coletivos, somos atores e platéia, sólidos, líquidos e gasosos. A modernidade parece ser uma dos regimes de signo (DELEUZE&GUATTARI,1995b) que agencia nossa experiência de urbanistas, e a pós-modernidade é o princípio da conexão e da atualização. A experiência de ser um observador, um cartógrafo, um ponto de concentração, Corpo Sem Órgãos que está ali mergulhada naquilo que para os outros é rotina, é angustiante, nos desloca do lugar de conforto, aliás, este lugar passa a ser o computador e a sala de ar-condicionado, pois ali (ou aqui) revivemos o futuro, ou avançamos até o passado, quem sabe? O momento de estar lá, fotografar, sentir o sol bater no rosto, é de um desnudamento e uma exposição

quase insuportável, uma angústia apenas acalmada pela escrita, o pensamento violentado e violento da teoria, e seguimos dobrando, desdobrando e reverberando com Kublai Khan e Marco Pólo, pois afinal, o imperador sabe, ou intui, ou pensa, sente as narrativas do navegador marejadas de memórias, invenções, criações, de um passado presentificado:

Agora, desse passado real ou hipotético, ele será excluído; não pode parar; deve prosseguir até uma outra cidade em que outro passado aguarda por ele, ou algo que talvez possa ser possível futuro e que agora é presente de outra pessoa. Os futuros não realizados são apenas ramos do passado: ramos secos.

-Você viaja para reviver seu passado?-era a esta altura a pergunta do Khan, que também poderia ser reformulada da seguinte maneira - **você viaja para reencontrar seu futuro?**

E a resposta de Marco:

-Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá. (CALVINO, 1994, p.19)

O observador-cartógrafo, do ponto de vista daquilo que ele transversaliza: pessoas, comunidades, escolas... É também observado, confrontado com seus espelhos negativos, com a câmera na mão e o pé na estrada, o cartógrafo viaja para reencontrar seu futuro...

Referências:

AXT, M.; FERREIRA FILHO, R. C. M.; BALLE, E. E.; RODRIGUES, S. S.; MÜLLER, D. N. **Cidades virtuais: tecnologias para aprendizagem e simulação**. In: IV Seminário Jogos eletrônicos, educação e comunicação: construindo novas trilhas, 2008, Salvador.

CALVINO, Ítalo, **As cidades invisíveis**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

DAL MOLIN, Fabio. **A escola e seus fluxos molares e moleculares**. 2009 Hiperfídia disponível na plataforma Youtube em

DAL MOLIN, Fabio. **Civitas em rede: mapeamento e construção de redes sociais urbanas em escolas**. In: Simpósio Nacional de Educação, 2008, Erechim.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol 01**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol 02**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol 03**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996

KIRST, Patrícia G. GIACOMEL, Angélica E. , RIBEIRO, Carlos J.S. COSTA, Luis A. E ANDREOLI, Giovanni S. **Conhecimento e Cartografia: tempestade de possíveis in**

FONSECA, Tânia Mara G. e KIRST, Patrícia G.(org.) **Cartografias e devires: a construção do presente.** Porto Alegre, Editora da Universidade, 2003

KREUTZ, José Ricardo **Resistir, problematizar e experimentar como desdobramentos do aprender.** Tese de doutorado Porto Alegre,UFRGS, PPGEDU, 2009

MARTINS, Márcio Andre Rodrigues. **Projeto Civitas: (multi)(pli)cidades e as interveRsões do tempo na sala de aula - ensino fundamental** Tese de doutorado Porto Alegre,UFRGS, PPGEDU, 2009